



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v.57i2.3114>

DA REFORMA HISTÓRICA À “REFORMA DIGITAL”: DESAFIOS TEOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS¹

*From the historical Reformation to the “digital Reformation”:
Contemporary theological challenges*

Joana T. Puntel²
Moisés Sbardelotto³

Resumo: Este artigo situa sua reflexão em um contexto de midiaticização digital, em que igrejas e sociedades, em geral, encontram-se marcadas por novas possibilidades de construção social de sentido. O texto analisa os desafios apresentados pelas atuais mudanças comunicacionais ao pensamento teológico contemporâneo, a partir do conceito de “Reforma digital” como contrapartida presente à revolução teológica ocorrida na Reforma histórica. Nesse processo, identifica alguns desafios ao saber teológico, especialmente em termos de *loci* teológicos, sujeitos teológicos e sínteses teológicas possíveis hoje. Por fim, reflete e provoca a teologia para uma revisão de si como saber “aberto” que reconhece as novas manifestações de elementos teológicos no ambiente comunicacional contemporâneo e percebe a necessidade de problematizá-los e buscar dialogar criticamente com a cultura, entendendo-se como teologia conexas.

Palavras-chave: Reforma digital. Teologia. Internet. Redes sociais digitais.

Abstract: This article focuses its reflection in a context of digital mediatization, in which churches and societies, in general, are marked by new possibilities of social construction of meaning. The text analyzes the challenges presented by the current communication changes to contemporary theological thinking, starting from the concept of “Digital Reformation” as a present counterpart to the theological revolution that occurred in the historical Reformation. In this process, it identifies some challenges to theological knowledge, especially in terms of theological loci, theological subjects, and theological syntheses possible today. Finally, it reflects and provokes theology to a revision of itself as an “open” knowledge that recognizes the new manifestations of theological elements in the contemporary commu-

¹ O artigo foi recebido em 30 de agosto de 2017 e aprovado em 16 de outubro de 2017 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Simon Fraser University (Canadá) e Universidade de São Paulo (USP). Docente no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu “Cultura e meios de comunicação” no SEPAC/COGEAE/PUCSP, em São Paulo/SP, Brasil. Contato: joana.puntel@gmail.com

³ Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo/RS, Brasil. Contato: m.sbar@yahoo.com.br

■ nical environment and perceives the need to problematize them and seek to dialogue critically with culture, understanding itself as connection theology.

■ **Keywords:** Digital Reformation. Theology. Internet. Digital social networks.

Introdução

Passados 500 anos da Reforma, podemos dizer que, hoje, a teologia se defronta com outra revolução religiosa, uma verdadeira “Reforma digital”⁴ no ambiente social e cultural contemporâneo. Se a Reforma histórica envolveu o complexo de eventos ocorridos principalmente a partir de 1517, quando o monge agostiniano alemão Martinho Lutero publicou suas “95 Teses” – que se espalharam muito rapidamente por toda a Alemanha, graças também à nascente imprensa, desencadeando uma controvérsia teológica que foi muito além do que o próprio Lutero pensava e pretendia –, hoje teríamos um número incalculável de “teses” sobre a fé sendo publicadas exponencialmente por incontáveis “luteranos” conectados em rede, gerando “ambientes multireligiosos”, marcados pelo pluralismo.⁵

Em um momento de celebração dos 500 anos da Reforma histórica, é importante, portanto, reconhecer que tal comemoração “deve ocupar-se com a necessidade de uma nova evangelização, num tempo marcado pela proliferação de novos movimentos religiosos e o crescimento da secularização em muitos lugares”⁶. Isso ocorre em um período histórico marcado por novos processos de comunicação – com pouco mais de dez mil dias⁷ de vida – a partir da evolução da internet, ainda em experimentação e evolução. Tais desdobramentos demandam dos estudos teológicos um reconhecimento atento e uma reflexão aprofundada, que permitam compreender e discernir esses “sinais dos tempos” à luz da fé. Assim como em relação à Reforma histórica, é preciso reconhecer e problematizar os possíveis “dons espirituais e teológicos”⁸ que podem ser recebidos através da “Reforma digital”, para, assim, valorizá-los e frutificá-los.

É para refletir sobre tais questões que este artigo, primeiramente, retoma alguns aspectos centrais da Reforma histórica a partir de uma perspectiva teológico-comunicacional, apontando para alguns de seus elementos de ruptura e inovação. Em seguida, analisa teoricamente o conceito de “Reforma digital” e os desafios apresentados pelas mudanças comunicacionais contemporâneas à teologia, atualizando, comparativamente, as transfor-

⁴ DRESCHER, Elizabeth. *Tweet If You Heart Jesus: Practicing Church in the Digital Reformation*. Morehouse Publishing, 2011

⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO Para a Promoção da Unidade dos Cristãos; FEDERAÇÃO Luterana Mundial. *Do Conflito à Comunhão*. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana-Católico-Romana para a Unidade. Brasília: Edições CNBB; São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 17. Disponível em: <<https://goo.gl/jlO1ki>>.

⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO; FEDERAÇÃO, 2015, p. 13.

⁷ SCOLARI, Carlos. Los 10.000 días que estremecieron al mundo. Redes, medios e interfaces. In: VERÓN, E.; FAUSTO NETO, A.; HEBERLÉ, A. L. O. (Orgs.). *Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo*. Pelotas: Santa Cruz, 2013. p. 75-98.

⁸ FRANCISCO; Papa; YOUNAN, Munib. Declaração conjunta por ocasião da comemoração conjunta católico-luterana da Reforma. *Vatican.va*, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/4pwY9P>>.

mações ocorridas há 500 anos. Depois, reflete sobre como os processos de comunicação em rede podem estar demandando uma reproblemática de certas categorias da própria teologia, a partir de formas novas e renovadas de constituição e manifestação do saber teológico, agora explicitado no ambiente digital, mediante a emergência de novos *loci*, sujeitos e sínteses teológicas. Em conclusão, defende-se que a teologia, como campo do saber, sente-se provocada pelos desafios contemporâneos da cultura digital a novas sínteses teológicas e à necessidade de uma teologia conexas.

A Reforma histórica relida em perspectiva teológico-comunicacional

No século XVI, logo após a Idade Média, diversas reformas religiosas ocorreram por toda a Europa, tendo como base a insatisfação com as atitudes da Igreja Católica e seu distanciamento em relação aos princípios do Evangelho. O principal movimento de Reforma teve início com o então monge católico alemão Martinho Lutero, que, com a publicação de suas 95 teses, em 1517, possivelmente na porta da igreja do castelo de Wittenberg, protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo romano.

Lutero e o movimento da Reforma, desse modo, articulavam-se estreitamente com os então emergentes meios de comunicação impressos, especialmente panfletos, mais baratos, mais rápidos de produzir e mais fáceis de circular⁹, e a publicação de murais em igrejas e praças públicas. Desse modo, a imprensa, no período da Reforma, atuava como “um meio de sinalização social e abertura pública da religião; distribuição do conteúdo religioso e teológico; mobilidade da Igreja para novas formas comunicacionais”¹⁰. O próprio “envolvimento do povo na Reforma foi tanto causa quanto consequência da participação da mídia”¹¹. Teologia e comunicação passavam a se articular fortemente.

Pensadas como parte de um debate acadêmico, as teses iniciais de Lutero, assim, se espalharam rapidamente por toda a Alemanha, desencadeando um grande debate público sobre a religião e a fé. Tais teses emergiram “como uma espécie de mídia religiosa, tornando-as um mural propositivo para fomentar as discussões teológicas e, conseqüentemente, contribuir para o marco fenomenológico do movimento da Reforma protestante”¹². Mas Lutero temia que elas pudessem ser facilmente mal-entendidas se lidas por uma audiência mais ampla.¹³ Por isso, em março de 1518, publicou, em alemão, o “Sermão sobre Indulgência e Graça” (“*Sermon von Ablass und Gnade*”), livreto de grande sucesso, que rapidamente tornou Lutero bem conhecido. Esse rápido

⁹ DRESCHER, 2011.

¹⁰ BUDKE, Sidnei. O movimento da Reforma protestante e os processos de midiáticação religiosa. *Reflexus*, Vitória, ano X, n. 16, p. 259-273, 2016. p. 265. Disponível em: <<https://goo.gl/cNpwwd>>.

¹¹ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 84.

¹² BUDKE, 2016, p. 262.

¹³ PONTIFÍCIO CONSELHO; FEDERAÇÃO, 2015.

sucesso “midiático” chegou a Roma, que passou a se preocupar que o ensinamento de Lutero solaparia a doutrina da igreja e a autoridade do papa.¹⁴

Uma das principais preocupações de Lutero, dentre outras, era “superar a fragilidade de conhecimento da fé cristã entre ministros e o povo leigo”¹⁵. Isso o levou também, junto com colegas da Universidade de Wittenberg, a traduzir a Bíblia do hebraico e do grego para o alemão, de modo que mais pessoas pudessem ter acesso a ela para a leitura pessoal e comunitária, visando à difusão de informações, à partilha de conhecimentos e, assim, a uma participação leiga mais efetiva na vida da igreja. Um único impressor em Wittenberg, Hans Lufft, por exemplo, vendeu nada menos do que cem mil cópias da Bíblia de Lutero em 40 anos, de 1534 a 1574.¹⁶ Com tais traduções, buscava-se comunicar o conhecimento bíblico-teológico em uma linguagem acessível às pessoas comuns, o que, por sua vez, favoreceu uma rede de comunicação entre as comunidades alemãs, contribuindo para uma maior inclusão eclesial.

Um dos principais objetivos dos reformadores era se comunicar com todos os cristãos. Enquanto o grande humanista Erasmo (c. 1466-1536), que também quis reformar a Igreja, escrevia em latim para ser lido nos círculos acadêmicos de toda a Europa, Lutero normalmente usava a estratégia oposta. Escrevia em vernáculo, de modo que sua mensagem pudesse ser compreendida pelas pessoas comuns, mesmo que tivesse de se restringir, no início, ao mundo de língua germânica.¹⁷

Contudo, diante de sociedades quase majoritariamente analfabetas, os reformadores também fundaram diversas escolas, tanto para meninos como para meninas (uma inovação para a época), encorajando e promovendo a alfabetização das pessoas, gerando uma verdadeira revolução cultural. “O movimento da Reforma peregrinava por meio dos panfletos teológicos e alcançava a classe intelectual, os governantes, os cidadãos mais simples, os operários e os agricultores.”¹⁸

Em pouco tempo, toda a cristandade da Europa compartilhava de uma mesma rede de circulação de conteúdos teológicos, caracterizada pelos processos comunicacionais desencadeados tanto voluntária como involuntariamente pelos seguidores de Lutero. “Os panfletos espalharam-se rapidamente nos centros sociais mais notórios da Europa [...]. Lutero, de um monge ‘desconhecido’, passou a ser o principal personagem da Reforma protestante e o principal fomentador dos processos de midiáticação religiosa.”¹⁹

Graças ao novo meio [a imprensa], Lutero não pôde ser silenciado da mesma maneira como o foram os primeiros hereges, a exemplo do reformador tcheco Jan Hus (1369-1415), cujas ideias em diversos aspectos eram parecidas com as de Lutero e que foi

¹⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO; FEDERAÇÃO, 2015.

¹⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO; FEDERAÇÃO, 2015, p. 33.

¹⁶ Cf. BRIGGS; BURKE, 2004.

¹⁷ BRIGGS; BURKE, 2004, p. 84.

¹⁸ BUDKE, 2016, p. 264.

¹⁹ BUDKE, 2016, p. 269.

morto na fogueira. Nesse sentido, a impressão gráfica converteu a Reforma em uma revolução permanente. Na realidade, pouco teria ajudado à Igreja Católica queimar Lutero como herege, uma vez que seus escritos estavam disponíveis em grande número e a preços bastante razoáveis.²⁰

Isso acabou favorecendo também a difusão de alternativas religiosas para mais pessoas, com menos possibilidade de controle para as autoridades eclesiásticas. Exemplo disso foram os catecismos publicados por Lutero para superar a fragilidade de conhecimento da fé cristã entre ministros e o povo leigo: o *Catecismo Menor*, livro mais influente de Lutero, voltado ao público em geral, e o *Catecismo Maior*, destinado aos pastores e aos leigos e leigas com mais formação.²¹ Emergiu a partir disso, especialmente no contexto europeu, um maior senso crítico ao discurso teológico da igreja institucional e dos clérigos. O clero não podia mais permanecer isento aos questionamentos das pessoas, das comunidades e da imprensa sobre as questões religiosas e teológicas. Segundo Briggs e Burke (2004), mais de 80% dos livros em alemão publicados no ano de 1532 (418 títulos de um total de 498) tratavam da Reforma da igreja, sem contar os milhares de panfletos, com seus milhares de cópias, que se espalharam por toda a Europa. Desse modo,

os vigorosos debates ocorridos, primeiro na Alemanha e depois em outras partes da Europa, sobre as funções e os poderes do papa e da Igreja e a natureza da religião deram uma contribuição importante para a emergência do pensamento crítico e da opinião pública. [...] O protestante inglês John Foxe, por exemplo, pregava que “o papa deve abolir o conhecimento e a impressão gráfica, ou esta, a longo prazo, vai acabar com ele”²².

É interessante, nesse sentido, que o próprio Concílio de Trento (1544-1563), convocado pela Igreja Católica uma geração depois da Reforma Luterana, como uma espécie de resposta aos movimentos de mudança eclesial, também deu início a algumas reformas pastorais, muitas delas em sentido comunicacional. Alguns de seus decretos promoveram uma proclamação mais efetiva da Palavra de Deus, mediante a fundação de seminários para uma melhor capacitação dos sacerdotes, com a exigência de pregação aos domingos e dias santos, reiterando a aposta na comunicação oral. Por outro lado, para uma melhor comunicação da fé, esse Concílio encorajou também a prática emergente de publicar catecismos locais, tais como os de Pedro Canísio, além de tomar providências para elaborar o Catecismo Romano²³, apostando, assim, em uma comunicação impressa que chegasse além dos muros eclesiásticos.

Em suma, podemos ver a própria Reforma histórica como um processo comunicacional, e não meramente teológico ou religioso. Isto é, ao longo do período histórico da Reforma, com o desdobramento da tecnologia de comunicação impressa,

²⁰ BRIGGS; BURKE, 2004, p. 85.

²¹ PONTIFÍCIO; FEDERAÇÃO, 2015.

²² BRIGGS; BURKE, 2004, p. 84.

²³ PONTIFÍCIO; FEDERAÇÃO, 2015.

a teologia deixava de ser um assunto de exclusividade da igreja e do clero institucionalizado e passava a compor o cotidiano das pessoas, descentralizando, assim, a comunicação religiosa e, principalmente, o saber teológico em relação à instituição católica e seus representantes autorizados.

Temas relacionados à Igreja eram debatidos nas ruas, nas casas, no comércio e não eram mais assuntos exclusivos dos contextos eclesiais. [...] A Reforma protestante contribuiu para munir uma rede de comunicação entre a Igreja e a sociedade, favorecer um diálogo entre posições teológicas distintas e o debate público dos temas que evocam a religiosidade humana. [...] Na Idade Média, os cidadãos alemães foram contemplados por uma nova hermenêutica teológica.²⁴

Desse modo, portanto, a Reforma protestante, embebida pelas novas modalidades de comunicação emergentes à época com o surgimento da imprensa, favoreceu uma ruptura de escala em termos de “abertura” teológica, mediante a disseminação de teologias alternativas a mais pessoas, com menos controle por parte das autoridades e instituições religiosas. Com uma maior velocidade e uma maior abrangência da comunicação da época, mediante livros, panfletos, murais, os debates teológicos e eclesiológicos internos à igreja-instituição passaram a se tornar “conversa comum” em todo o cristianismo, resultando em uma “revisão mais radical na prática religiosa que mudou a Igreja para sempre”²⁵.

Temos assim, em suma, que a Reforma histórica, especialmente a partir da pessoa de Lutero, possibilitou um *maior acesso* a elementos teológicos por parte da sociedade da época, que adquiriu maior autonomia frente à autoridade e à instituição eclesial. Por sua vez, também ofereceu um *maior alcance* à teologia, no sentido de ir além dos círculos clericais, chegando às pessoas mais simples. São esses elementos que, atualizados 500 anos depois, podem ser vislumbrados em novos processos comunicacionais que caracterizam a contemporaneidade.

Teologia e redes: da Reforma histórica à “Reforma digital”

Se o período da Reforma histórica, entre processos culturais e teológicos, foi de grande revolução religiosa, podemos dizer que hoje temos uma exponenciação de tais processos, graças a uma revolução sociotecnológica recente. Na interface entre o contexto eclesial-teológico e o contexto comunicacional-midiático contemporâneos, a teologia hoje se defronta com um fenômeno histórico que encontra um paralelo semelhante às convulsões vividas no período da Reforma protestante histórica, em um ambiente teológico-comunicacional em que também surge uma ampla e multifacetada necessidade de atualização de práticas e, talvez, até de doutrinas religiosas. Trata-se daquilo que se costumou chamar de “revolução digital” ou digitalização.

²⁴ BUDKE, 2016, p. 270-271.

²⁵ DRESCHER, 2011, p. 61.

Com o desenvolvimento da internet e do ambiente digital, as pessoas, hoje, encontram novas formas de relação e de interação, sem fronteiras de espaço e sem limites de tempo. Não é novidade dizer que as últimas décadas foram marcadas por uma reviravolta comunicacional, uma verdadeira revolução, desde o surgimento das interfaces gráficas dos computadores (com o Macintosh, da Apple, em 1984) e da rede mundial de conexões digitais (a *World Wide Web*, WWW, em 1992).²⁶ Nesse período, o mundo, as sociedades e as culturas passaram por uma explosão sociotécnica, cujos desdobramentos ainda são experimentados por todos, em vários sentidos. Em suma, passamos da “era dos meios de massa” para a “era da massa de meios”²⁷, com o surgimento de uma sociedade da comunicação e da conexão ubíquas, em midiaticização crescente.

Trata-se de um momento histórico de travessia do “deserto” comunicacional – “com seus cactos, arbustos secos e poucos animais”, como metáfora para o ambiente de mídia da era industrial – para uma “floresta amazônica” comunicacional, como metáfora “para explicar o que se está formando depois do dilúvio digital: uma selva úmida, cheia de água, sol e vida, com uma enorme biodiversidade, onde qualquer ser minúsculo tem uma chance de sobreviver”²⁸.

Digitalizada, a informação é passível a dois processos, *descontextualização* e *recombinação*.²⁹ No primeiro caso, o “texto” simbólico se liberta do seu “contexto”. São dados à disposição da pessoa. Essa descontextualização, por sua vez, é que permite a recombinação simbólica (com outros dados) e social (com outras pessoas). A pessoa pode “analisar (fragmentar) a matéria e a linguagem, dividir (descontextualizar) segmentos úteis, e depois combiná-los (recombinação) com outros segmentos”³⁰. A informação convertida em bits e pixels, portanto, se torna “disponível por toda a parte, difícil de proteger, impossível de controlar”³¹ – com grandes repercussões no tecido social, especialmente em âmbito teológico.

Para além da “mensagem”, o “meio” também se digitaliza – todo o processo de construção de sentido, passando pelos artefatos tecnológicos, até as práticas sociais e religiosas. A digitalização permite, assim, “abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais”³², sob uma condição: a adaptação de tais elementos à lógica digital, configurando sua existência nesse ambiente em modo binário, como “presença” ou “ausência” no sistema digital.

²⁶ SCOLARI, 2013.

²⁷ ALVES, Rosental Calmon. “Passamos dos meios de massa para a massa de meios”. *Valor Econômico*, São Paulo, 31 jul. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/Mtajae>>.

²⁸ ALVES, 2013.

²⁹ KERCKHOVE, Derrick de. *Connected Intelligence: The Arrival of the Web Society*. Londres: Kogan Page, 1998.

³⁰ KERCKHOVE, 1998, p. 219. (Tradução nossa).

³¹ GENSOLLEN, Michel. Le Web relationnel : vers une économie plus social? In: MILLERAND, F.; PROULX, S.; RUEFF, J. (orgs.). *Web social : Mutation de la communication*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2010. p. 95. (Tradução nossa).

³² CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 396. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

Por outro lado, a proliferação e o crescimento acelerado das conexões digitais também ocorrem em nível simbólico, “concentrando e multiplicando a energia mental humana”³³. Nas interações humanas pessoais, institucionais ou sociais em geral, a conectividade se torna “uma condição para o crescimento acelerado da produção intelectual humana”³⁴. Assim emerge um novo modelo de saber baseado na força das conexões comunicacionais.

Digitalização e conectivização, portanto, são processos de expansão do alcance e de aprofundamento da abrangência das relações comunicacionais, que, analogamente à cultura impressa nos tempos de Lutero, geram um contexto sociocultural em mudança articulado com as recentes inovações tecnológicas. Na cultura digital, também estão em jogo – em novas processualidades – a circulação de sentidos, informações e conhecimentos, e a participação leiga. Fiegenbaum (2010) chama tais transformações de “reforma protestante do século XXI”. Segundo ele, tal reforma

não é um movimento, não tem um gesto fundador, nem um protagonista carismático, nem mesmo tem seu nascedouro nas sacristias das igrejas. A reforma protestante do Século XXI é silenciosa, nasce na sociedade, modifica crenças, estabelece outros modos de visibilidade e reorganiza vínculos dentro e fora da igreja. A reforma protestante do Século XXI não é [somente] teológica, é [também] midiática. É midiática porque as condições pelas quais as igrejas se inserem no mundo e realizam sua missão na sociedade mudaram nos últimos 500 anos. Mas, mudaram ainda mais radicalmente de uns 20 anos para cá, por conta dos processos de mediatização, que têm se tornado cada vez mais referência para as interações sociais de toda ordem, inclusive no que se refere às questões últimas e ao transcendente³⁵.

É nesse sentido que Drescher (2011) especifica ainda mais tais mudanças ao abordar aquilo que chama de “Reforma digital”. Ou seja,

uma revitalização da Igreja impulsionada geralmente por espiritualidades ad hoc de fiéis comuns que integram práticas de acesso, conexão, participação, criatividade e colaboração, encorajadas pelo uso disseminado de novas mídias sociais digitais em todos os aspectos da vida diária, incluindo a vida de fé³⁶.

Tais práticas sociais no ambiente *on-line* complexificam, dessa forma, o fenômeno religioso e a prática teológica. Formam-se novas modalidades de percepção, experiência e expressão do “sagrado” em ambientes comunicacionais emergentes. Em *sites*, plataformas sociodigitais, aplicativos, dentre outros, igrejas e sociedades, em

³³ KERCKHOVE, 1998, p. 143. (Tradução nossa).

³⁴ KERCKHOVE, 1998, p. xxxi. (Tradução nossa).

³⁵ FIEGENBAUM, Ricardo Zimmermann. *Mediatização: a Reforma Protestante do século XXI? Igrejas, dispositivos midiáticos e sistemas de valor, de visibilidade e de vínculo entre regulações e resistências*. 2010. 262 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010. p. 222. Disponível em: <<https://goo.gl/v4vVoI>>.

³⁶ DRESCHER, 2011, p. 4. (Tradução nossa).

geral, encontram-se agora marcadas por novas possibilidades de construção social de sentido, em termos de acesso, criação, armazenamento, distribuição e circulação de informações e conteúdos sobre a religião e a fé.

Nos mais diversos âmbitos da internet, em plataformas sociodigitais e redes sociais digitais, portanto, a sociedade em geral também pode *falar publicamente* sobre o sagrado, retrabalhando, ressignificando, ressemantizando a experiência, a identidade, o imaginário, as crenças, as práticas, a doutrina, a tradição religiosa e sua teologia, atualizando-os a novos interagentes sociais e a públicos ainda maiores, em uma trama complexa de sentidos. Nesse processo, vemos que a sociedade em geral diz “isto é teologicamente correto”, “isto não é”, indo além da oferta de sentido por parte das instituições eclesásticas, e desviando-se do controle simbólico e teológico das instituições e de um “centro” norteador marcado pela autoridade. Lançam-se não apenas 95, mas infundáveis “teses” teológicas no ambiente digital, a todo instante e acessíveis em todo lugar.

Desse modo, especialmente com a internet, temos uma emergência ativa e criativa das pessoas, alavancada pelos dispositivos digitais, em termos teológicos. Na contemporaneidade, “é o homem comum, sem qualquer visibilidade corporativa, que dá à ambiência da comunicação e da informação generalizada o estatuto de nova esfera existencial”³⁷. No ambiente digital, os chamados “receptores leigos”, em relação ao magistério eclesástico-teológico, também assumem um papel de construtores de sentidos e discursos teológicos, ocupando lugares antes detidos quase que exclusivamente pelos clérigos e autoridades religiosas. Isto é, as igrejas vão perdendo o monopólio do agenciamento dos sentidos religiosos e teológicos em meio a ações comunicacionais diversas, em que a sociedade não apenas “recebe”, mas também desvia e desloca os sentidos propostos, em novos gestos de “produção”.

Ao falar sobre a Pastoral das Grandes Cidades, o papa Francisco repercute essa evolução comunicacional histórica em relação à vida da igreja:

Vimos de uma prática pastoral secular, em que a Igreja era o único ponto de referência da cultura. [...] *Mas não estamos mais nessa época. Ela passou. Não estamos na cristandade, não mais. Hoje, não somos mais os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais ouvidos. Precisamos, portanto, de uma mudança de mentalidade pastoral*³⁸.

Para as igrejas históricas e para a própria teologia, como campo de saber, o crescimento exponencial de “produtores de cultura” é um grande desafio contemporâneo, pois a igreja-instituição e o saber teológico acadêmico não seriam mais o eixo central das interações sociais em torno das questões relativas à transcendência, e passariam a disputar a atenção de diversas alteridades religiosas presentes na rede.

³⁷ SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum*: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 116.

³⁸ FRANCISCO, Papa. Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades. *Vatican.va*, Vaticano, 27 nov. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/vh5mB8>>.

Se na Reforma histórica Lutero defendeu “um papel ativo das pessoas leigas na reforma da Igreja”³⁹, na “Reforma digital” as pessoas encontram meios comunicacionais para exercer publicamente esse papel, mediante sua autonomização em novos modos de “acesso, participação, cocriatividade e autoridade distribuída”⁴⁰. Como nos tempos de Lutero, temos hoje numa demanda social por participação nos processos de circulação de informações e compartilhamento de conhecimentos, inclusive no âmbito teológico. Analisando-se um contexto histórico mais amplo,

ao contrário das reformas eclesiais anteriores, a Reforma Digital é movida não tanto por teologias, dogmas e política – embora estes certamente estejam sujeitos a um questionamento renovado – mas sim pelas *práticas espirituais digitalmente intensificadas de crentes comuns com acesso global entre si e a todas as formas de conhecimento religioso previamente disponíveis apenas ao clero, aos estudiosos e a outros especialistas religiosos*. Isso coloca praticamente tudo em jogo – nossas tradições, nossas histórias, nossa compreensão do sagrado, até mesmo a estrutura e o significado dos textos sagrados que nós pensávamos que haviam sido assegurados em um cânone duradouro há muito tempo, no quarto século⁴¹.

Nesse sentido, se a Reforma Protestante foi uma revolução religioso-teológica que desencadeou uma revolução sociocultural⁴², podemos dizer que a “Reforma digital” se manifesta como *uma revolução sociocultural que está desencadeando uma revolução religioso-teológica*, especialmente a partir da ubiquidade dos processos (não tendo mais um “centro difusor” como Wittenberg, mas sim redes espalhadas pelo globo), da autonomia dos sujeitos (em que cada pessoa, potencialmente, pode promover uma “minirreforma” de alcance mundial) e da conectividade das ações e práticas comunicacionais sobre o fato religioso e teológico (tornando muito mais complexa a própria noção de teologia hoje).

Tanto Fiegenbaum (2010) como Drescher (2011) reconhecem que a teologia não é mais o eixo central das transformações em curso, mas sim articulado. O que também move tais “reformas” são ações e práticas sociais de sentido, que desencadeiam processos comunicacionais e midiáticos mais amplos. Essa articulação contemporânea cada vez mais forte entre teologia e comunicação levanta alguns desafios ao saber teológico, especialmente em termos de *loci* teológicos, sujeitos teológicos e sínteses teológicas possíveis hoje.

³⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO; FEDERAÇÃO, 2015, p. 32.

⁴⁰ DRESCHER, 2011, p. 1. (Tradução nossa).

⁴¹ DRESCHER, 2011, p. 2. (Tradução e grifo nossos).

⁴² BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo*. Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes, 1986.

A emergência de novos *loci* teológicos e a necessidade de uma teologia aberta

Um primeiro desafio diz respeito ao fato de reconhecer os novos ambientes de comunicação (redes sociais digitais, sites, blogs etc.) como *loci* teológicos, em que a sociedade em geral fala e reflete publicamente sobre o “sagrado”. A teologia, nesse sentido, sai das sacristias e dos gabinetes acadêmicos, “publicizando-se” nos discursos em rede, “digitalizando-se”. Exemplo disso é que, quando alguém tem dúvidas sobre Deus, não recorre mais necessariamente a um encontro pessoal com um clérigo ou um teólogo, muito menos vai atrás da bibliografia mais atualizada, mas simplesmente tira o celular de seu bolso e digita a pergunta em um sistema de busca na internet, que lhe oferece respostas prontas a partir dos bancos de dados.

Isso demanda, portanto, uma revisão da própria teologia como saber “aberto” em dois sentidos: 1) um saber que reconhece essas novas manifestações de elementos teológicos e percebe a importância de problematizá-los, dada a sua possível repercussão no tecido social; e 2) um saber que busca dialogar criticamente com a cultura contemporânea, não se isolando em uma “torre de marfim” nem menosprezando o ambiente digital como espaço de meras “virtualidades” ou entretenimento, em uma tentativa de inculturar-se teologicamente na cultura contemporânea.

O novo ambiente da comunicação, no mundo atual, requer mais do que o simples constatar e descrever as mudanças, pois demanda dos estudos teológicos não somente o conhecimento, mas a compreensão das “novas lógicas” do viver e operar do ser humano. A falta de conhecimento do “novo ambiente”, o medo de inovar e adentrar pelo “como falar de Deus hoje” levam à paralização da teologia, considerando-a um “departamento separado”, compreendendo o conceito de comunicação reduzido à instrumentação. E isso causa grande obstrução entre teologia e evangelização. O cardeal Ravasi reconhece que a tecnologia se desenvolve com muita rapidez e oferece possibilidades “com uma velocidade que a teologia e os outros canais de conhecimento humano não conseguem acompanhar”. O que produz mudanças que não são apenas superficiais, pois “está sendo feito um verdadeiro salto antropológico, que atinge questões como liberdade, responsabilidade, culpa, consciência e, se quisermos, alma”⁴³. Temas que são essenciais à reflexão teológica.

A emergência de novos sujeitos teológicos e a necessidade de uma teologia ministerial

Outro desafio é assumir a emergência das pessoas como produtoras de conteúdos públicos, em rede (e não como meras receptoras passivas daquilo que a igreja ou a teologia dizem), em um processo de autonomização simbólico-religiosa ainda mais

⁴³ RAVASI, Gianfranco. A técnica avança rápido demais e vai mudar nossa alma. *IHU*, São Leopoldo, 27 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/569028-a-tecnica-avanca-rapido-demais-e-vai-mudar-nossa-alma-entrevista-com-gianfranco-ravasi>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

explícito. Conectadas, as pessoas podem expressar-se publicamente como “teólogos amadores”, com alcance global e instantâneo àquilo que produzem. Por isso é necessário que a teologia “desça do pedestal” do seu saber e se “encarne” nas novas linguagens, para saber compreendê-las, em primeiro lugar, e também dialogar a partir de seus novos códigos.

De uma teologia que fala a partir das cátedras e dos púlpitos (para quem?), é preciso um deslocamento para uma teologia que conversa nos bancos, ao lado dos fiéis, na linguagem deles. Uma verdadeira teologia “quenótica”, que se abaixa e se rebaixa até se “enlamear” com o barro da história. Que busca promover uma “tradução da tradição” ao ambiente cultural do hoje da história, reconhecendo que a própria tradição está sempre em “transição”. De uma teologia magisterial (*magis*, mais, acima do povo), é preciso passar para uma teologia ministerial (*minus*, menos, no mesmo nível ou até mesmo abaixo do povo), que se coloca à escuta do povo.

E, ainda, é preciso buscar o diálogo “com outras ciências e experiências humanas”, porque isso faz parte do “carisma dos teólogos e o seu esforço na investigação teológica”⁴⁴. Isso leva a entender também que, no dizer do papa Bento XVI, a “teologia” deve estar a serviço da cultura exercendo uma “diaconia da cultura” no atual “continente digital”, pois “é tempo de continuar a preparar caminhos que conduzam à Palavra de Deus”, e isso se realiza também com os processos comunicativos contemporâneos.⁴⁵

A emergência de novas sínteses teológicas e a necessidade de uma teologia conexial

Vivemos hoje em sociedades marcadas pelo fenômeno das redes e da conectividade, em que tudo está inter-relacionado, em que informações e conteúdos estão acessíveis potencialmente a qualquer pessoa, em qualquer lugar, em qualquer momento (*anyone, anywhere, anytime*). As próprias pessoas “conectam” a tudo e a todos por meio das redes digitais e da internet, promovendo sínteses culturais e também teológicas inovadoras. Por isso a teologia também precisa se pensar e se fazer “em rede”.

Nesse sentido, uma “inculturação digital” leva a teologia a assumir uma *práxis conexial*⁴⁶, que saiba *conectar e reconectar* teologicamente aquilo que se encontra separado e desconectado social e culturalmente, como resultado de (ou resultando em) divisão, desunião, exclusão, para, ao contrário, gerar unidade na diversidade, harmonia nas diferenças, cosmos em meio ao caos de sentidos e símbolos que circulam em rede.

⁴⁴ FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. *Vatican.va*, 24 nov. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/v4vVol>>. Acesso em: 30 ago. 2017. n. 133.

⁴⁵ BENTO XVI, Papa. “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra”. Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais. *Vatican.va*, Vaticano, 24 jan. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/29KYjo>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

⁴⁶ No sentido freireano de práxis como “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 38), ou seja, é teoria e prática, inserção crítica na realidade que, ao objetivá-la, simultaneamente a transforma.

Mas não se trata de promover apenas uma teologia “conectada” (em sentido tecnológico), mas sim conexial (isto é, inculturada na cultura digital, nas suas lógicas e dinâmicas). Uma teologia verdadeiramente “católica”, no sentido de universal, pública, acessível, que não tem pruridos de pensar o que quer que seja a partir de um olhar de fé, transcendente (uma teologia que sabe articular “mundo” e “céu” sem se mundanizar).

Estando no mundo, mesmo sem ser do mundo (cf. João 15.19), a teologia reconhece que nada nele lhe é indiferente e que nada nela lhe é independente. Tal convicção permite à teologia “incluir e integrar em si mesma [...] tudo o que de autenticamente humano oferecem as demais fontes de sentido, presentes na atual sociedade pluralista”⁴⁷.

Considerações finais

Como vimos, a Reforma histórica, especialmente a partir da pessoa de Lutero, possibilitou uma maior circulação de elementos teológicos na sociedade da época, favorecendo uma maior autonomia das pessoas leigas frente à autoridade e à instituição eclesiástica. Tal fenômeno não teria ocorrido desse modo sem sua articulação com a nascente imprensa. Com um maior alcance no tempo e no espaço possibilitado à teologia, no sentido de ir além dos círculos clericais e acadêmicos, as pessoas mais simples podiam também ter um maior acesso às fontes do conhecimento religioso.

Tais elementos, atualizados 500 anos depois, nos remeteram aos desafios levantados por aquilo que chamamos de “Reforma digital” à teologia, isto é, novos processos comunicacionais que caracterizam a contemporaneidade e que demandam novas linguagens, e novos modos de compreender e explicar o “sagrado”. Na ação teológica, o desafio é assumir todas as consequências da *conectividade* (não apenas tecnológica) da própria experiência cristã, marcada, desde a sua origem, pela inter-relação em rede entre comunidades (como no caso da ação apostólica de Paulo e a “interconectividade” via cartas), em que a igreja se constitui como uma verdadeira “comunidade de comunidades”. A igreja, assim, se “encarna” na cultura digital como uma “rede” de pessoas em comunhão em Deus, “conectadas” entre si e com ele, “compartilhando” seu amor com todas as pessoas, especialmente com as mais pobres.

Graças a tal práxis conexial, a teologia pode ser percebida, experimentada e expressada como um universo de saberes que *muda e permanece em comunicação*, ou seja, na “organização radical do comum”⁴⁸, em meio à circulação em rede das mais diversas diversidades de fé, em uma multiforiedade de expressões da verdade cristã que o Espírito gera na igreja.

⁴⁷ MIRANDA, Mario de França. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 271.

⁴⁸ SODRÉ, 2014.

Referências

- ALVES, Rosental Calmon. “Passamos dos meios de massa para a massa de meios”. *Valor Econômico*, São Paulo, 31 jul. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/Mtajae>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- BENTO XVI, Papa. “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra”. Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais. *Vatican.va*, Vaticano, 24 jan. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/29KYjo>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo*. Ecclesilogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BUDKE, Sidnei. O movimento da Reforma protestante e os processos de midiatização religiosa. *Reflexus*, Vitória, ano X, n. 16, p. 259-273, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/cNpwwd>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).
- DRESCHER, Elizabeth. *Tweet If You Heart Jesus: Practicing Church in the Digital Reformation*. Morehouse Publishing, 2011.
- FIEGENBAUM, Ricardo Zimmermann. *Midiatização: a Reforma Protestante do século XXI? Igrejas, dispositivos midiáticos e sistemas de valor, de visibilidade e de vínculo entre regulações e resistências*. 2010. 262 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/v4vVol>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. *Vatican.va*, Vaticano, 24 nov. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/FCZf87>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- FRANCISCO, Papa. Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades. *Vatican.va*, Vaticano, 27 nov. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/vh5mB8>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- FRANCISCO, Papa; YOUNAN, Munib. Declaração conjunta por ocasião da comemoração conjunta católico-luterana da Reforma. *Vatican.va*, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/4pwY9P>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GENSOLLEN, Michel. Le Web relationnel : vers une économie plus social? In: MILLE-RAND, F.; PROULX, S.; RUEFF, J. (orgs.). *Web social : Mutation de la communication*. Québec: Presses de l’Université du Québec, 2010.
- KERCKHOVE, Derrick de. *Connected Intelligence: The Arrival of the Web Society*. Londres: Kogan Page, 1998.
- MIRANDA, Mario de França. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006.
- PONTIFÍCIO Conselho Para a Promoção da Unidade dos Cristãos; FEDERAÇÃO Luterana Mundial. *Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da*

Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana-Católico-Romana para a Unidade. Brasília: Edições CNBB; São Leopoldo: Sinodal, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/jlO1ki>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

RAVASI, Gianfranco. A técnica avança rápido demais e vai mudar nossa alma. *IHU*, São Leopoldo, 27 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/569028-a-tecnica-avanca-rapido-demais-e-vai-mudar-nossa-alma-entrevista-com-gianfranco-ravasi>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SCOLARI, Carlos. Los 10.000 días que estremecieron al mundo. Redes, medios e interfaces. In: VERÓN, E.; FAUSTO NETO, A.; HEBERLÊ, A. L. O. (Orgs.). *Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo*. Pelotas: Santa Cruz, 2013. p. 75-98.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.